

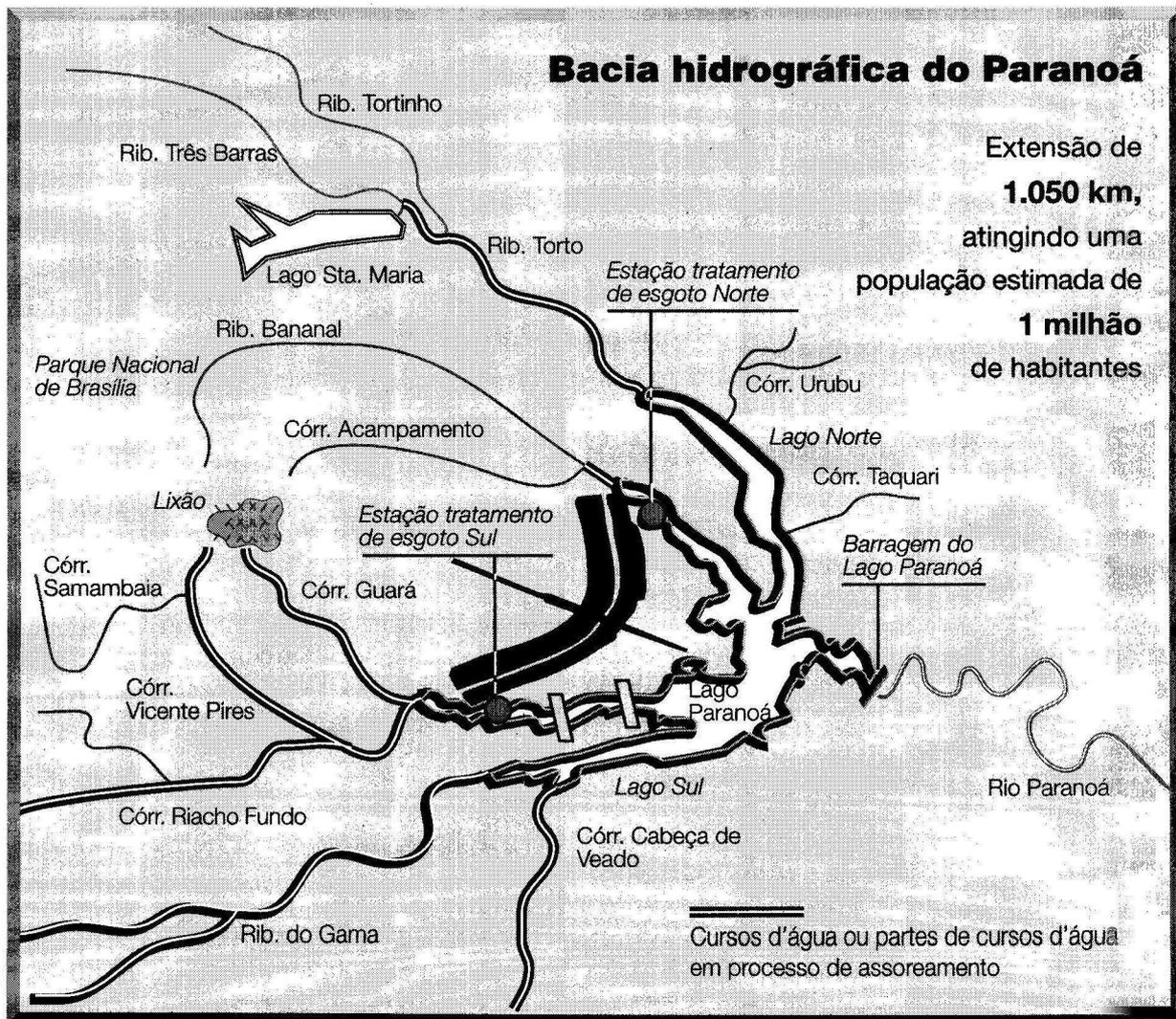
Usina do Paranoá garante energia na...

Rogério dy la Fuente
de Brasília

(Continuação da Primeira Página)

Com duas pontes de safena e uma mamária, feitas recentemente, o presidente da Federação de Vela, já não é quarentão, mas sabe do que fala. As entradas do Paranoá têm grande chance de tornarem-se pântanos e quando o nível abaixa, fica pior", complementa, traçando um quadro gravíssimo.

A informação de Lobo foi confirmada pela chefe do Laboratório de Qualidade da Água da Companhia de Águas e Esgotos de Brasília (Caesb), Cristina Brandão Cavalcante. "Além de fazermos o monitoramento da qualidade da água do Lago, também estamos atentos para o problema do assoreamento. Se não houver controle da ocupação das margens dos rios tributários, os bolsões de entrada do Paranoá podem realmente vir a ficar comprometidos", afirma Cristina. "O Lago está passando por um problema gravíssimo de assoreamento".



Usina do Paranoá garante energia na Esplanada nos períodos de blecaute

Hidrelétrica gera 3% do abastecimento necessário ao Distrito Federal

Rogério dy la Fuente
de Brasília

Com acumulação de água iniciada em 1959, o Lago Paranoá vive dilema entre gerar energia e ser navegável, um dos principais atrativos do Projeto Orla. Projetado por Lúcio Costa para melhorar o microclima do DF, servir à população para recreação e abrigar a Usina Hidrelétrica do Paranoá, hoje, o lago tem suas funções questionadas. "Há ocasiões em que a CEB põe a usina em funcionamento e o nível do Lago cai a um ponto tão baixo que isto atrapalha a atividade dos velejadores. As marinas, por exemplo, ficam inacessíveis e vários barcos encalham próximos às margens assoreadas", queixa-se o presidente da Federação de Vela de Brasília, Dirceu Lobo.

Atualmente, a Usina do Paranoá gera 30 MW/hora e passa por uma reforma. Está sendo repotenciada. "Isto deve garantir mais uns vinte anos de bom funcionamento", avalia o presidente da CEB, José Carlos Vidal.



José Carlos Vidal

Segundo ele, quando ocorrem quedas no linhão Sudeste-Centro de Furnas, juntamente com uma termelétrica ultrapassada localizada no SIA, a hidrelétrica é a alternativa de abastecimento da delicada região central do DF. "A linha de transmissão do Paranoá serve à área mais crítica do poder e garante o abastecimento nos momentos de blecaute. É questão de segurança nacional e de amenização do efeito do corte na população próxima. A linha sai aérea da usina e chega sub-lacustre diante do Palácio da Alvorada", diz Vidal.

Outra defesa para manter o funcionamento da Usina do Paranoá é o custo da energia por ela gerada. "Compramos energia de Furnas a R\$ 38 o MW. No Paranoá o mesmo MW sai a R\$ 10", revela. "Se conseguirmos trazer o gás natural do Gasoduto Bolívia-Brasil para Brasília, podemos até pensar em um dia aposentar a hidrelétrica. Hoje, o funcionamento é fundamental", sentencia Vidal.

Além de defender a empresa, o presidente da CEB assegura que o nível é controlado com margem de meio metro. "Operamos controlando diariamente o nível da seguinte forma: seja na abertura de comportas, ou na vazão turbinada, o nível mínimo mantido é de 999,5 m e o máximo de 1000,8", disse Vidal. Segundo ele, no período de chuvas é necessário abrir as comportas para evitar pressão sobre a barragem.

A afirmação é contestada pelo presidente da Federação de Vela. "Eu mesmo, já tive a oportunidade de ver o paredão do Pólo 3 do Projeto Orla (Calçadão próximo à Concha Acústica) seco e com uma praia até que chegasse a margem do Lago. Meio metro a menos não faria tanta diferença", afirma Lobo. Segundo ele, entretanto, a cota abaixo do nível não é o principal problema. "Me dêem qualquer nível, desde que seja fixo. O que mais prejudica é a oscilação. Há casos de gente que sai para velejar e não consegue atracar depois, porque o nível da água abaixa em um período de apenas três horas", reclama.

Do total de geração de energia do DF, a Hidrelétrica do Paranoá contribui apenas com 3%. "É, porém, uma energia extremamente barata, de um investimento que agora está se pagando e que cumpre um papel estratégico", declara Vidal.

A Barragem do Paranoá começou a ser construída em 1957 e foi concluída em 1960. Em setembro de 1962 a usina foi inaugurada funcionando parcialmente, com duas turbinas e capacidade de gerar 30 MW. "Na época, ela gerava a energia que abastecia metade da população de Brasília", recorda-se Vidal. A terceira turbina só foi inaugurada em 1967.

Para Dirceu Lobo, o Lago Paranoá é como o coração de um quarentão desregrado: está prestes a ter todas as artérias entupidas por colesterol e sofrer um colapso. Esta imagem denota um dos principais problemas enfrentados pelo Lago, que é o assoreamento. Os principais tributários do Lago Paranoá - Riacho Fundo, Ribeirão Torto, Ribeirão do Gama e o Ribeirão Bananal, são vítimas de um processo de acúmulo de sedimentos e redução de sua profundidade.

(Cont. Pág. 3)